

Família Missionária Verbum Dei

Caderno de Oração Advento/Natal 2022

“Maria levantou-se e partiu apressadamente”



« Maria levantou-se
e partiu apressadamente »

(LC 1, 39)



LEMA 2022 / 2023

Gostávamos de saber se o Caderno de Oração ajuda o seu dia-a-dia. Envie-nos a sua opinião!

Se preferir receber o caderno por e-mail ou pelo correio ou se conhece alguém que gostasse de o receber, envie um e-mail para: cadernodeoracaovd@gmail.com

O Caderno de Oração está disponível em formato PDF no site da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:
lisboa.verbumdei.org

Equipa do Caderno de Oração
da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa:

Andreia Alexandre
António Azevedo
Cristina Mesquita
Filipa Ramalhete
Francisco Valles
Joana Galvão Teles
João Ricardo Moreira
Manuela Cerejeira
Marta Valles
Paula Mourão
Paulo Vieira
Pilar Bazo (Missionária VDei)
Sofia Palminha
Pe. Valter Malaquias
Ventura Adrover (Missionária VDei)

Colaboração de:

Teresa Faria

Comentários e sugestões para:
cadernodeoracaovd@gmail.com

Maria levantou-se e partiu apressadamente

4	INTRODUÇÃO
	PARTE I Advento
8	27 Novembro - Domingo I do Advento
12	4 Dezembro - Domingo II do Advento
17	8 Dezembro - Imaculada Conceição
21	11 Dezembro - Domingo III do Advento
26	18 Dezembro - Domingo IV do Advento
	PARTE II Natal
32	25 Dezembro - Natal
36	30 Dezembro - Sagrada Família
40	1 Janeiro - Santa Maria Mãe de Deus
44	8 Janeiro - Epifania
49	9 Janeiro - Batismo do Senhor
	PARTE III
58	Introdução
60	Partilha na Verbum Dei
63	Testemunho da Missão da Verbum Dei em Oliveira de Frades
66	Preparação da JMJ
68	Mensagem do Papa Francisco para o Dia Mundial dos Pobres

Mãe sempre

Queiramos ou não, este ano que começamos vai ser “matriarcal”. Assim quer o Papa, que está a desafiar-nos para um ano mariano, a partir do evangelho e, sem dúvida, a partir da sua experiência de Fátima.

Quando ouvi, na entrevista do Papa com a jornalista Maria João Avillez, que para ele “Portugal é Fátima” fiquei impressionada. Realmente que força tem esta mulher (pensei)! Decididamente, não é qualquer mulher, é Maria, a mãe de Jesus.

Geralmente, dizem que o Papa “não dá ponto sem nó” e, francamente, acho (se calhar são conjecturas minhas) que, depois do “Sim” de Maria no Panamá (*“Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra”* (Lc 1,38)), em Lisboa o lema não poderia ser outro senão *“Maria levantou-se e partiu apressadamente”* (Lc 1,39). E não poderia ser noutro lugar senão em Portugal. E, se o Papa nos abençoou com este presente, é impossível não aceitar.

Desde que o Papa fez este apelo aos portugueses, tivemos acontecimentos inesperados que tocaram a Humanidade toda: uma pandemia e, agora, mais uma guerra. Temo-nos sentido vulneráveis, frágeis, cheios de incertezas, desorientados, com medos e com poucas esperanças no futuro. Foram por água abaixo projetos, desejos, sonhos. Muitas coisas deixaram de existir, outras mudaram totalmente. Parece que o mundo é um puzzle onde as peças se desencaixaram e algumas até estão perdidas. O que podemos fazer?

Quando temos problemas graves, há uma figura na nossa vida à qual recorremos, na qual nos refugiamos. Corremos para o pé dela, para o seu abraço, é a mãe, ela está sempre lá.

Assim, recordemos de novo as palavras do Papa em Fátima: “TEMOS MÃE”. Sim, parece que tudo foge, mas Maria continua ali, em Fátima e nos muitos povos da terra, cujos filhos passam por situações difíceis. Quando Maria vai ao encontro de alguém e aparece numa terra é porque sabe que ali os seus filhos sofredores precisam do colo quentinho de mãe e que ali está Ela.

A nossa mãe Maria está connosco. Ela sabe que a necessidade é muita, por isso, tal como saiu ao encontro da necessidade da prima Isabel, sai apressadamente à procura de todos os seus filhos hoje.

As noites escuras da vida do mundo, os sonhos destruídos de muitas famílias, o pranto de muitas crianças, os desânimos dos jovens, o grito dos pobres, o rugido da criação atormentada, necessitam mais do que nunca de Maria.

Vem Maria! Vem neste Advento! Precisamos de Ti e precisamos de Jesus, que vem contigo.

Maria, que bom é ter este ano tão presente este lema da comunidade, que também é o das Jornadas Mundiais da Juventude: *“Maria levantou-se e partiu apressadamente”* (Lc 1,39). Vem mesmo a calhar, no momento em que nós, os portugueses, e todo o mundo, precisamos de Ti.

Vem ao nosso encontro, mãe, estamos ansiosamente à tua espera!!!

parte I **Advento**

Que o mar nos abrace!

Is 2,1-5 «Naquele tempo, disse Jesus aos seus

Sl 121 (122) discípulos: “Como aconteceu nos dias de Noé, assim sucederá na vinda do Filho do homem. Nos dias que precederam o dilúvio,

Rm 13,11-14 comiam e bebiam, casavam e davam em casamento, até ao dia em que Noé entrou na

Mt 24,37-44 arca; e não deram por nada, até que veio o dilúvio, que a todos levou. Assim será também na vinda do Filho do homem. Então,

de dois que estiverem no campo, um será tomado e outro deixado; de duas mulheres que estiverem a moer com a mó, uma será tomada e outra deixada. Portanto, vigiai, porque não sabeis em que dia virá o vosso Senhor. Compreendei isto: se o dono da casa soubesse a que horas da noite viria o ladrão, estaria vigilante e não deixaria arrombar a sua casa. Por isso, estai vós também preparados, porque na hora em que menos pensais, virá o Filho do homem”.»

(Mt 24, 37-44)



assamos pela vida muitas vezes “a comer e a beber”, distraídos do essencial.

As chamadas de atenção são frequentes durante a existência da Humanidade, mas parece que teimamos em viver, tantas vezes, “afastados” daquilo para que fomos criados.

Vivemos um período que poderíamos chamar, no mínimo, de incerteza... Depois de um tempo estranho de pandemia (que não se imaginava viver nem se tinha experimentado nesta geração), entrámos em 2022 num clima de guerra. A guerra, que sempre existiu, agora tocou-nos mais de perto, com um rasto trágico de grande destruição. Se pensarmos, a incerteza sempre fez parte da nossa vida, mas teimamos em olhá-la com vontade de a controlar, dando tudo por garantido. Mas nada é uma garantia e o “dilúvio” vem. E mais do que estar preparados para o futuro (seja ele qual for...), gostaria que refletíssemos com o Senhor: “como vivo o presente?” Este é o único tempo garantido! Nem o próximo minuto, nem o próximo segundo, apenas este que agora termina.

Quando reflito sobre este “dilúvio” seguindo a lógica mais comum, reconheço este evento como “uma desgraça que recai sobre mim” ou pior, uma “tragédia que varre toda a vida e deixa rasto de total destruição”.

Experimentemos, agora, imaginar este “dilúvio” como uma “enxurrada” na nossa vida interior, na nossa espiritualidade e no espaço de Deus em cada um de nós.

Dentro de cada um de nós, à imagem do mar que vem, por vezes com vigor, outras mesmo de forma muito agressiva, com ondas que embatem, capazes de nos afundar... Vivamos este “mar” como um abraço, que nos abarca por completo! Se, por um lado, nos tira de terra firme, também nos leva para um novo patamar, mais profundo.

Deixemo-nos aí ficar, com tempo... O tempo permite que os sentidos se familiarizarem e, assim, também reconhecer luz onde antes, aparentemente, só habitava a escuridão profunda.

Procuremos a liberdade que o mar imenso nos oferece... Necessitamos de nos libertar, explorar a profundidade e ganhar sentido aí.

Apesar do exercício pouco imediato, não será esta a nossa verdadeira essência?

Como rio que sempre acaba por desaguar no mar?

Ou, como nos diz Isaías, não seremos nós um pedaço de rocha de uma pedreira maior que depois da experiência de vida, à pedreira regressamos?



Abraçar o Mar

*Sou Rio,
Tenho em mim a corrente,
é espírito, é semente,
da vida que me habita...
Habita-me a rede e o peixe que se agita,
E o pescador, no seu barco, a puxar...
Certo é... vim parar ao mar!*

*Sou Rocha,
Do rochedo não quis sair...
No entanto, desejar mais fez-me partir,
a dureza que o tempo transformou,
porque, essa, sim, em mim ficou.
Ao cair, sorri e voltei a sonhar,
Certo é... vim parar ao mar!*

*Sou Remo,
Senti o teu vigor e aspereza,
O barco confiava na minha firmeza,
Mas nele já não estou...
Para as profundezas me levou,
Tenho morada neste novo lugar,
Certo é... vim parar ao mar!*

(Autor anónimo)

“Deixar-nos conduzir pelo Menino”

Is 11,1-10 «Naquele dia, sairá um ramo do tronco de Jessé, e um rebento brotará das suas raízes.

Sl 71 (72) Sobre ele repousará o espírito do Senhor: espírito de sabedoria e de inteligência, espírito

Rm 15,4-9 de conselho e de fortaleza, espírito de conhecimento e de temor de Deus.

Mt 3,1-12 Animado assim do temor de Deus, não julgará segundo as aparências, nem decidirá

pelo que ouvir dizer.

Julgará os infelizes com justiça e com sentenças retas os humildes do povo. Com o chicote da sua palavra atingirá o violento e com o sopro dos seus lábios exterminará o ímpio.

A justiça será a faixa dos seus rins, e a lealdade a cintura dos seus flancos.

O lobo viverá com o cordeiro, e a pantera dormirá com o cabrito; o bezerro e o leãozinho andarão juntos, e um menino os poderá conduzir.

A vitela e a urso pastarão juntamente, suas crias dormirão lado a lado; e o leão comerá feno como o boi. A criança de leite brincará junto ao ninho da cobra, e o menino meterá a mão na toca da víbora. Não mais praticarão o mal nem a destruição em todo o meu santo monte: o conhecimento do Senhor encherá o país, como as águas enchem o leito do mar.»

(Is 11, 1-9)

«Irmãos: Tudo o que foi escrito no passado foi escrito para nossa instrução, a fim de que, pela paciência e consolação que vêm das Escrituras, tenhamos esperança. O Deus da paciência e da

consolação vos conceda que alimenteis os mesmos sentimentos uns para com os outros, segundo Cristo Jesus, para que, numa só alma e com uma só voz, glorifiqueis a Deus, Pai de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Acolhei-vos, portanto, uns aos outros, como Cristo vos acolheu, para glória de Deus.»

(Rm 15, 4-7)



Antes de iniciar estas pistas, tomo consciência de que estou na presença de Deus, de que vivo acompanhada (ainda que, na maior parte do tempo, não me dê conta) e que neste preciso momento, por meio da oração, estou conectada com a Humanidade e com o Universo...

Paro uns minutos e contemplo toda esta riqueza que me é oferecida sempre que me predisponho a este encontro.

Neste 2º Domingo do Advento, partilho dois textos que me tocaram especialmente:

No Livro do Profeta Isaías, é descrita a imagem de um mundo onde todas as criaturas convivem pacificamente. A Terra é um local equilibrado e harmonioso. E não é isto que todos desejamos profundamente? E, de um modo particular, é este o ambiente que gostaríamos de encontrar nas nossas casas, nos nossos trabalhos e em todos os locais por onde passamos! E, de forma mais íntima, este é também o sentimento de paz interior por que cada um de nós anseia...

Mergulhando mais um pouco na Palavra de Deus, é-nos dito que *“um menino os poderá conduzir”* e ainda que *“o conhecimento do Senhor encherá o país, como as águas enchem o leito do mar”*.

Estes milagres acontecem quando nos deixamos conduzir pelo “menino Jesus” que teima em nascer sempre, e até (principalmente) no meio de situações impossíveis, difíceis, incompatíveis, improváveis. É este nascimento que esperamos e preparamos neste tempo de Advento.

Neste momento concreto da minha vida, onde preciso de me deixar conduzir por este menino? Em que situações peço que Jesus venha? Acredito que a força da oração e da minha prece pode ser a única ajuda que posso oferecer em tantas ocasiões?

É também quando nos deixamos encher pelo conhecimento do Senhor, pelo Espírito de Deus, que o mal e a destruição são ultrapassados pelo Amor e a Paz... Como posso neste tempo especial de preparação interior, deixar-me encher por este Espírito? Que meios concretos posso utilizar para me ajudar? Como posso também contribuir para ajudar o mundo a encher-se do conhecimento do Senhor?

Na leitura da Carta de São Paulo aos Romanos, encontramos mais algumas pistas sobre as características do (Amor) de Deus oferecidas a todos e a cada um de nós, através de Jesus: a Paciência, a Consolação, a Esperança, a Fidelidade, o Acolhimento, a Misericórdia.

Neste momento de oração, tomo novamente consciência deste Amor que recebo em cada dia... e de que tantas vezes nem me dou conta. Se sou assim tão amado(a), e com um Amor desta qualidade, a minha vida é salva, transformada, renovada... O que posso fazer nesta caminhada até ao Natal para que viva mais integrado(a) e consciente deste dom maior? Estando “cheio(a)”, poderei alimentar os mesmos sentimentos para os outros e acolher cada um da mesma forma, tal como São Paulo pede que o façamos.

Pensando em tudo o que me é dado de graça e nos contextos em que me encontro, o que me sinto chamado(a) a partilhar e a transbordar? E a oferecer neste Natal?

A Paciência? – suportar contrariedades, incómodos e dificuldades com calma e tranquilidade; não desistir facilmente, ser perseverante.

A Consolação? – aliviar, confortar, demonstrar contentamento.

A Esperança? – confiança em conseguir o que se deseja, esperar para além do visível, expectativa de soluções ou feitos positivos.

A Fidelidade? – lealdade, constância, perseverança, ser verdadeiro, cumprimento das promessas.

O Acolhimento? – dar guarida, refúgio, receber, proteger, admitir em sua casa ou companhia

A Misericórdia? – compaixão, perdão, caridade.

Termino esta oração, agradecendo profundamente tudo o que recebo continuamente e em especial nestes momentos de união: obrigado(a) Deus Pai, Jesus, Espírito Santo, Maria e toda a família espiritual. Ajuda-me a viver com a certeza de estar acompanhado(a) por vós. E que, neste tempo de Advento e Natal, possa oferecer aos outros o dom que cada um mais precisar.

PARA DIZER JUNTO À MANJEDOURA

Que teus olhos, Menino, ensinem largueza e altura aos meus olhos.

Que teus olhos curem os meus da fadiga e dos seus ardis.

Que teus olhos desimpeçam a visão fragmentária, parcial e indecisa.

Que teus olhos devolvam aos meus olhos o vento azul da viagem e a sua alegria.

Devolvam o real com anel aberto em vez dos círculos obsidiantes e fechados.

Devolvam o aberto como imagem e programa.

Que teus olhos, Menino, ensinem aos meus o seu Natal.

(José Tolentino Mendonça In “Rezar de Olhos Abertos”)



Um sim que vem da escuta

- Gn 3,9-15.20 «Ao sexto mês, o anjo Gabriel foi enviado por Deus a uma cidade da Galileia chamada
SI 97 (98) Nazaré, a uma virgem desposada com um homem chamado José, da casa de David; e o
Ef 1,36.11-12 nome da virgem era Maria.
Lc 1,26-38 Ao entrar em casa dela, o anjo disse-lhe:
“Salve, ó cheia de graça, o Senhor está contigo.”.

Ao ouvir estas palavras, ela perturbou-se e inquiria de si própria o que significava tal saudação.

Disse-lhe o anjo: “Maria, não temas, pois achaste graça diante de Deus. Hás de conceber no teu seio e dar à luz um filho, ao qual porás o nome de Jesus. Será grande e vai chamar-se Filho do Altíssimo. O Senhor Deus vai dar-lhe o trono de seu pai David, reinará eternamente sobre a casa de Jacob e o seu reinado não terá fim.”.

Maria disse ao anjo: “Como será isso, se eu não conheço homem?”

O anjo respondeu-lhe: “O Espírito Santo virá sobre ti e a força do Altíssimo estenderá sobre ti a sua sombra. Por isso, aquele que vai nascer é Santo e será chamado ‘Filho de Deus’. Também a tua parente Isabel concebeu um filho na sua velhice, e já está no sexto mês, ela, a quem chamavam estéril, porque nada é impossível a Deus.”.

Maria disse, então: “Eis a serva do Senhor, faça-se em mim segundo a tua palavra.”.

E o anjo retirou-se de junto dela.»

(Lc 1, 26-38)



urante o Advento somos convidados a celebrar a Solenidade da Imaculada Conceição da Virgem Santa Maria.

Numa altura em que nos preparamos para acolher a vinda de Jesus – a vinda do nosso Deus que se faz homem e que nasce bebé – somos, em comunidade, convidados a olhar atentamente para Maria, a mãe de Jesus, a mãe de Deus.

E, neste dia, a Igreja convida-nos a escutar o momento da anunciação do Anjo a Maria. Momento em que o Anjo lhe diz que vai ser Mãe do Filho do Altíssimo.

Maria escuta e diz que sim. Que se faça a vontade de Deus segundo as palavras do Anjo.

Já muitas vezes lemos e orámos este texto. E foram surgindo, pelo menos a mim, várias questões ao longo destes anos.

E se Maria não tivesse acreditado no Anjo? E se tivesse dito que não? E se nem o tivesse escutado?

Este momento foi um momento excecional que surge do nada? Ou Maria era alguém que procurava estar atenta ao que a rodeava?

Ao olhar também para o Magnificat (Lc, 1, 46-55) apercebo-me que Maria era alguém que acreditava na presença de Deus na sua vida e estava atenta a essa presença. Maria cultivava um olhar atento e um coração aberto. Por isso, agradece que Deus pouse nela o Seu olhar, reconhece o Seu amor e acredita que Ele faz maravilhas na sua vida.

Por isso, é capaz de escutar a saudação do Anjo quando ela acontece. E, embora fique perturbada, não foge nem se recusa a continuar a escutar. Antes se questiona sobre o significado do que lhe foi dito.

Maria escuta e questiona. Primeiro, o que significava o que lhe foi dito. Depois, como poderia vir a acontecer o que lhe era anunciado, como poderia vir a ser mãe.

Ou seja, Maria entra em diálogo. E um diálogo em confiança. Um diálogo que vem de uma relação existente no dia-a-dia. E por isso diz SIM. E desse SIM nasce Jesus.

E, ao olhar para Maria, pergunto-me: cultivo eu este olhar atento a mim, aos outros e ao que me rodeia? Procuo ter um coração aberto à presença de Deus no meu quotidiano?

Procuo discernir a ação de Deus em mim? Nos outros? No que me rodeia?

No decorrer do dia como vou lendo o que vai sucedendo?

Onde coloco a minha esperança? É em Jesus, em Deus, que coloco a minha confiança?

Este dia convida-nos a cultivar a nossa relação com Deus. A deixar crescer em nós a certeza de que Deus está presente e atuante na nossa vida.

Pede-nos que estejamos atentos o suficiente para que possamos ouvir o que o Seu Espírito nos vai anunciando.

Será que, como Maria, aceitamos escutar o Senhor e também aceitamos ser geradores de vida à nossa volta?



Gosto de pensar, Maria, que também a tua fraqueza sustém a tua força, que soubeste aceitar atravessar tantas incertezas, fazendo aderir o teu coração a uma confiança que não se via. E que, por isso, não te é estranha a minha agitação confusa, a minha indecisão, os medos que em certas horas me agridem, e que tu, que tudo compreendes, sabes abraçar.

Gosto de recordar quanto foi difícil o teu caminho, repleto de obstáculos mais duros do que aqueles que eu enfrento, fustigado por sombras, derivas e dores. E que o teu olhar se tornou um imenso ventre, onde posso depor tudo aquilo que tanto me custa, e que tu, que tudo compreendes, sabes abraçar.

Gosto de contemplar essa tua capacidade de agradecer. De agradecer a anunciação luminosa e as suas ásperas consequências; essas palavras límpidas e depois uma dolorosa sucessão de momentos passados a perguntar-te como será; a brandura da brisa e a dureza do vento.

E que, por isso, tu abraças o meu cansaço de viver com esperança; a minha força e a minha fragilidade; aquilo que levo ao termo e aquilo que deixarei incompleto; aquilo que depende ou não depende de mim – e tudo tu compreendes.

Gosto de saber que encontraste os planos de Deus infinitamente superiores a ti e que, mais uma vez, te sentiste pequena, só, e não à altura, como tantas vezes eu me sinto. E também por isto, no fundo de mim experimento que me abraças, tu que tudo compreendes.

(«Ave Maria», por D. José Tolentino Mendonça)

Caminhos de saída para o encontro com o Senhor?

- Is 35,1-6a.10 «Naquele tempo, João Baptista ouviu falar, na prisão, das obras de Cristo e mandou-Lhe dizer pelos discípulos: “És Tu Aquele que há de vir ou devemos esperar outro?” Jesus respondeu-lhes: “Ide contar a João o que vedes e ouvis: os cegos veem, os coxos andam, os leprosos são curados, os surdos ouvem, os mortos ressuscitam e a boa nova é anunciada aos pobres. E bem-aventurado
- Sl 145 (146)
- Tg 5,7-10
- Mt 11,2-11

aquele que não encontrar em Mim motivo de escândalo”. Quando os mensageiros partiram, Jesus começou a falar de João às multidões: “Que fostes ver ao deserto? Uma cana agitada pelo vento? Então que fostes ver? Um homem vestido com roupas delicadas? Mas aqueles que usam roupas delicadas encontram-se nos palácios dos reis. Que fostes ver então? Um profeta? Sim – eu vo-lo digo – é mais que profeta. É dele que está escrito: ‘Vou enviar à tua frente o meu mensageiro, para te preparar o caminho’. Em verdade vos digo: Entre os filhos de mulher, não apareceu ninguém maior do que João Baptista. Mas o menor no reino dos Céus é maior do que ele”.»

(Mt 11, 2-11)



Que temos de escolher para prepararmos a vinda do Senhor? Onde temos de nos levantar e partir para ir ao encontro do Senhor? Hoje as leituras chamam-nos a sairmos de nós – a questionarmos as nossas maneiras de pensar, os nossos limites, os nossos egoísmos e comodismos, os nossos desejos de justiça, as nossas lógicas mais “terrenas” – para o outro, para operarmos uma verdadeira transformação na nossa vida no sentido de entrarmos e vivermos na lógica do amor de Deus.

O que transforma a nossa vida no sentido e para o encontro com Deus?

As leituras dão-nos a resposta: o amor de Deus, anunciado por João Batista e manifestado em Jesus. É a atuação de Deus em nós e a imitação da forma como Jesus amou que o permitirá. Tal como também o mensageiro João Batista e Sua mãe, Maria, com as suas histórias, nos mostraram isso, vivendo em aceitação da Vontade de Deus, mesmo sem compreenderem muita coisa, em vários momentos.

Há caminhos claros que nos são apontados pelo mensageiro João Batista e por Jesus, bem como pelos profetas ou pessoas que são enviadas para nos conduzir:

1) Caminho de Desapego de nós próprios e de Partilha com o outro: de roupas delicadas que vestimos, de bens que recebemos, de tempo que temos, de atenção que podemos dar, de alegria que vivemos e podemos contagiar, dos dons que Deus nos deu, de conhecimento que nos chegou e adquirimos, de tudo o que puder ser bom para o outro. Vivemos em modo de partilha? Partilhamos desapegados e partilhando com os outros o que recebemos de graça? Com quem podemos partilhar mais do que somos e do que dispomos? Que dons nos foram dados por Deus e de modo os partilhamos (ouvir, pensar, comunicar, conciliar, ensinar, organizar, educar, pintar, cantar, argumentar, motivar, liderar, obedecer,

criar, plantar, rezar, etc)? Maria, quando soube que ia ser mãe do Filho de Deus, não guardou para si, mas saiu apressadamente para a montanha, para a sua missão, indo ter com Isabel e Zacarias, partilhar o dom que recebeu, a sua alegria. Partilhamos as alegrias que o Senhor faz em nós com os outros? Partilhamos a nossa fé?

2) Caminho de Justiça e Verdade connosco e com o outro: de atribuir, dar, reconhecer, confirmar ao outro o que é dele, aquilo a que tem direito, aquilo de que precisa para viver, aquilo que o cura, aquilo que o faz continuar, aquilo que o poderá converter, aquilo que é verdade e que ele tem de saber, os dons que o outro tem e que apreciamos e que pode pôr a render, sem lhe retirar o que é seu, sejam bens, sejam direitos, sejam qualidades, sejam boas atitudes, sejam graças...largar caminhos de exploração e de abuso, tratar os outros com verdade e com justiça, como Filhos de Deus iguais a nós na sua dignidade. No fundo, é um caminho de Verdade, comigo e com o outro. Estamos a viver caminhos de verdade na nossa vida, na família, na profissão, nas atividades que fazemos, na comunidade, com Deus na oração, na sociedade, no cumprimento dos meus deveres e no exercício dos meus direitos? Dizemos ou calamos com medo das represálias? Intervimos no sentido da Verdade? Onde e em quê posso trazer maior verdade à minha vida, ainda que seja difícil e me obrigue a aceitar consequências que não quero, a desinstalar-me?

3) Caminho de Paz e de Respeito com e pelo outro: de me relacionar, em qualquer circunstância e contexto, sem violência e sem abuso de poder sobre o outro, sem “escândalo”, seja no diálogo, na resolução de conflitos, na negociação de situações, nas relações com aqueles que, por qualquer razão, estão em posições de maior fragilidade ou dependência, em que precisem mais de nós, seja pela idade (mais velhos ou mais novos), seja pelo período de vida que vivem (dificuldades, depressão, desânimo, doença, exclusão social etc), seja porque são diferentes de nós e veem a vida de forma diferente. Também neste ponto, Maria é um

exemplo, bem como Jesus depois. Podemos ver como Maria partiu apressadamente para ir ter com Isabel e Zacarias, que eram mais velhos e iam ser pais, bem como Maria e Isabel, de um lado, e José e Zacarias, reagiram de formas diferentes e todos eles encontraram o seu lugar nas relações.

São caminhos difíceis para nós, humanos, frágeis e limitados. No entanto, Jesus indica-nos **COMO** podemos percorrer esses caminhos: é com Deus, seguindo a lógica do Reino que não é a lógica do mundo, pelo seu amor, pela oração e súplica a Deus, por Jesus que foi enviado, por Maria e por todos aqueles que nos foram enviados, que também foram tocados... E por nós também que somos Filhos muito amados de Deus. É com ele, e não sozinhos, que conseguimos este caminho de conversão, deixando-nos tocar e saindo apressadamente e com confiança para comunicar a alegria que é o amor de Deus. Tal como Jesus nos disse, se permanecermos Nele e no Pai, a nossa alegria será completa.



Maria levantou-se

“Depois da Anunciação, Maria teria podido concentrar-se em si mesma, nas preocupações e temores derivados da sua nova condição; mas não! Entrega-se totalmente a Deus! Pensa, antes, em Isabel. Levanta-se e sai para a luz do sol, onde há vida e movimento. Apesar do inquietante anúncio do Anjo ter provocado m “terremoto” nos seus planos, a jovem não se deixa paralisar, porque dentro d’Ela está Jesus, poder de ressurreição. Dentro d’Ela traz já o Cordeiro Imolado, mas sempre vivo. Levanta-se e põe-se em movimento, porque tem a certeza de que os planos de Deus são o melhor projeto possível para a sua vida. Maria torna-se templo de Deus, imagem da Igreja em caminho, a Igreja que sai e se coloca ao serviço, a Igreja portadora da Boa Nova.”

(Mensagem do Santo Padre Francisco
para a XXXVII Jornada Mundial da Juventude 2022-2023)

Eu acredito!

- Is 7,10-14 «Ora, o nascimento de Jesus Cristo foi assim:
Maria, sua mãe, estava desposada com José;
Sl 23 (24) antes de coabitarem, notou-se que tinha
concebido pelo poder do Espírito Santo. José,
Rm 1,1-7 seu esposo, que era um homem justo e não
queria difamá-la, resolveu deixá-la
secretamente. Andando ele a pensar nisto, eis
Mt 1,18-24 que o anjo do Senhor lhe apareceu em sonhos
e lhe disse “José, filho de David, não temas

receber Maria, tua esposa, pois o que ela concebeu é obra do Espírito Santo. Ela dará à luz um filho, ao qual darás o nome de Jesus, porque Ele salvará o povo dos seus pecados.” Tudo isto aconteceu para se cumprir o que o Senhor tinha dito pelo profeta: Eis que a virgem conceberá e dará à luz um filho: e hão de chamá-lo Emanuel, que quer dizer Deus connosco. Despertando do sono, José fez como lhe ordenou o anjo do Senhor, e recebeu sua esposa.»

(Mt 1, 18-24)

Estamos a chegar ao final do Advento. As crianças entram de férias, acertam-se preparativos, compras de última hora, o tempo não chega para tudo. Às vezes, parece que o Natal é só uma correria em que temos de lidar com contrariedades, contratempos. E que temos mesmo de estar alegres. Pode até tornar-se um peso, esta obrigação da alegria... Por isso, é tão bom, e tão importante, termos um tempo para rezar, para estarmos a sós com Jesus, para que Ele nos ajude a compreender, em cada Natal, a nossa missão.

O lema da Verbum Dei Lisboa para este ano é o mesmo que o Papa Francisco escolheu para a Jornada Mundial da Juventude, que acontecerá para o ano, em Lisboa: *“Maria levantou-se e partiu apressadamente”* (Lc 1, 39). Maria, grávida de Jesus (a sua missão maior), sai para cumprir a missão de assistir a Isabel. No evangelho de hoje, rezamos com a missão de José. José, de quem sabemos muito pouco, que não tem nenhuma palavra dita por si nos evangelhos, mas de quem nos é dito – e não é pouco – que era um homem justo. Um homem de Fé, que acreditou na verdade da mensagem de Deus. Maria e José eram pessoas simples, a quem coube aceitar o que não pediram, que deram o seu “sim” à chegada de Jesus às suas (e às nossas) vidas. José ouviu, obedeceu, e fez o que tinha de ser feito: protegeu Maria e Jesus da difamação e, mais tarde, dos perigos da perseguição, depois do nascimento de Jesus, quando a família teve de se refugiar no Egito.

José, assustado e com medo, aceitou a missão que Deus lhe confiou – que não pode ter sido fácil. Fê-lo silenciosamente. Não temos as suas palavras, mas sabemos qual foi a sua escolha, a sua atitude. E, também por isso, José é um exemplo para nós, dois mil anos depois. Tanto ou mais do que com palavras, anunciamos a nossa fé com as nossas atitudes. Anunciamo-la pelo modo como aceitamos as dificuldades e contrariedades, pela forma com que escolhemos

lidar com elas – seja uma doença ou um contratempo no trabalho ou nos planos que fizemos. Mas anunciamo-la também pelo modo como olhamos para os outros à nossa volta e percebemos de que precisam, se os podemos ajudar.

Neste tempo de Advento, recebemos muitos apelos para colaborar em iniciativas para que todos – os mais pobres, os mais excluídos – possam, também, sentir que é Natal. E, dentro do que podemos fazer, colaboramos. No entanto, podemos ir mais longe. Podemos perceber qual é a missão que Deus tem para nós este Natal, pedir a São José que nos ajude a aceitá-la, e escolher cumpri-la com serenidade, amor e alegria, anunciando, com as nossas atitudes, que acreditamos. Porque, não podemos esquecer, o nascimento de Jesus, que Maria e José viveram e anunciaram, é a Boa Nova. Jesus é a nossa estrela, e é com Ele, e por Ele, que é Natal.

Oração a São José

*Salve, guardião do Redentor
e esposo da Virgem Maria!
A vós, Deus confiou o seu Filho;
em vós, Maria depositou a sua confiança;
convosco, Cristo tornou-Se homem.
Ó Bem-aventurado José, mostrai-vos pai também para nós
e guiai-nos no caminho da vida.
Alcançai-nos graça, misericórdia e coragem,
e defendei-nos de todo o mal. Amen.*

(Papa Francisco, Patris Corde)



parte II

Natal

O Verbo fez-se carne e habitou entre nós

Missa do dia	«Muitas vezes e de muitos modos falou Deus
Is 52,7-10	antigamente aos nossos pais, pelos Profetas.
Sl 97 (98)	Nestes dias, que são os últimos, falou-nos por
Hb 1,1-6	seu Filho, a quem fez herdeiro de todas as
Jo 1,1-18	coisas e pelo qual também criou o universo.
	Sendo o Filho esplendor da sua glória e
	imagem da sua substância, tudo sustenta com
	a sua palavra poderosa. Depois de ter
	realizado a purificação dos pecados, sentou-Se

à direita da Majestade no alto dos Céus e ficou tanto acima dos Anjos quanto mais sublime que o deles é o nome que recebeu em herança. A qual dos Anjos, com efeito, disse Deus alguma vez: “Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei”? E ainda: “Eu serei para Ele um Pai e Ele será para Mim um Filho”? E de novo, quando introduziu no mundo o seu Primogênito, disse: “Adorem-n’O todos os Anjos de Deus”.» (Hb 1, 1-6)

«No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus. No princípio, Ele estava com Deus. Tudo se fez por meio d’Ele e sem Ele nada foi feito. N’Ele estava a vida e a vida era a luz dos homens. A luz brilha nas trevas e as trevas não a receberam. Apareceu um homem enviado por Deus, chamado João. Veio como testemunha, para dar testemunho da luz, a fim de que todos acreditassem por meio dele. Ele não era a luz, mas veio para dar testemunho da luz. O Verbo era a luz verdadeira, que, vindo ao mundo, ilumina todo o homem. Estava no mundo e o mundo, que foi feito por Ele, não O conheceu. Veio para o que era seu e os seus não O receberam. Mas àqueles que O receberam

e acreditaram no seu nome, deu-lhes o poder de se tornarem filhos de Deus. Estes não nasceram do sangue, nem da vontade da carne, nem da vontade do homem, mas de Deus. E o Verbo fez-Se carne e habitou entre nós. Nós vimos a sua glória, glória que Lhe vem do Pai como Filho Unigénito, cheio de graça e de verdade. João dá testemunho d’Ele, exclamando: “É deste que eu dizia: ‘O que vem depois de mim passou à minha frente, porque existia antes de mim’”. Na verdade, foi da sua plenitude que todos nós recebemos graça sobre graça. Porque, se a Lei foi dada por meio de Moisés, a graça e a verdade vieram por meio de Jesus Cristo. A Deus, nunca ninguém O viu. O Filho Unigénito, que está no seio do Pai, é que O deu a conhecer.» (Jo 1, 1-18)



Hoje é dia de Natal! Dia do nascimento de Jesus!

Confesso que, no início, quando li estas leituras, fiquei um pouco surpresa e, de certo modo, “desiludida”. Hoje é dia de Natal e não é a leitura do nascimento de Jesus! O que têm estas leituras a ver com o Natal? E foi daqui que partiu a minha oração...

Ao rezar, questionei-me: QUEM É TU JESUS?

E as leituras foram-me respondendo...

“Tu és meu Filho, Eu hoje Te gerei”? E ainda: *“Eu serei para Ele um Pai e Ele será para Mim um Filho”?* (Hb 1, 5). É o próprio Deus que o diz. É o próprio Deus que revela que Jesus veio de Deus e vai para Deus.

Jesus é a luz verdadeira. É graça e verdade. É o herdeiro de todas as coisas. É quem dá a conhecer as obras de Deus. Veio mostrar que é na relação de filho/pai e não no cumprimento de leis ou morais que se chega ao Pai.

Veio mostrar ao mundo como se ama e como se vive. É a verdade, o caminho e a vida.

E, para mim, quem és Tu, Jesus?

Nos aniversários, gosto de celebrar a vida, agradecer o dom da vida do aniversariante e agradecer a sorte que tenho por conhecer essa pessoa. Hoje, Jesus, agradeço-Te tudo o que És, tudo que tens feito por mim. Todo o amor que me dás, seres o meu porto seguro. Por me mostrares outra perspectiva da vida e outra maneira de amar! OBRIGADA. Obrigada pelo dom da Fé e por todas as pessoas que colocaste no meu caminho que me fizeram conhecer-Te mais e melhor!

Jesus, estiveste no mundo e não Te conheceram; Jesus, vieste para os teus e os teus não Te receberam (Jo 1, 10-11).

Quantas vezes não Te reconheço, Jesus? O que me faz ficar tão cega e tão insensível à Tua presença?

Que eu consiga, nesta época festiva, ver o essencial e não me perder.

Jesus diz-nos que também nós somos filhos de Deus (Jo1,12)!

Sermos filhos de Deus não depende de nós, da nossa vontade – somos porque Deus o quis! É Deus que me procura! É Deus que quer! Eu, como sou e como estou!

Como está a minha relação com Deus Pai?

Como amo os outros?

Jesus, hoje quero agradecer todo o Teu amor, pedir perdão por todas as vezes que não Te recebi e Te ignorei. Ajuda-me, porque sozinha sei que não consigo, a amar e a viver como Tu sonhaste!

Senhor, que hoje, no Teu dia, possa celebrar-se o nascimento de muitos “filhos de Deus”.



Aceita a tua identidade de filho de Deus

Ser filho de Deus é a tua verdadeira identidade, que deves aceitar. Quando a tiveres assumido e integrado em ti, poderás viver num mundo que te oferece muito mais alegria, bem como mais sofrimento. Podes receber o elogio e a censura que vêm ao teu encontro como oportunidade para fortalecer a tua identidade básica, porque a identidade que te torna livre enraíza para além de todo o elogio ou censura humanas. Pertences a Deus e és como filho de Deus que és enviado ao mundo.

Precisas de direção espiritual; precisas de pessoas que te mantenham ancorado à tua verdadeira identidade. A tentação de te deixares abafar pelo louvor ou pela censura do mundo está sempre presente.

Uma vez que desconheceste durante muito tempo esse local da tua identidade de filho de Deus, os que são capazes de te tocar nesse ponto tiveram um poder repentino e esmagador sobre ti. Tornaram-se parte da tua identidade. Já não eras capaz de viver sem eles. Mas eles não podiam desempenhar esse papel divino, por isso deixaram-te e sentiste abandonado. Mas foi precisamente essa experiência de abandono que te fez realizar de novo a tua verdadeira identidade de filho de Deus.

Só Deus pode habitar esse lugar profundo e dar-te uma sensação de segurança. Mas o perigo permanece, se deixares outros roubarem-te o teu centro sagrado, o que te mergulhará na angústia.

Talvez seja preciso tempo e disciplina para reconheceres inteiramente o teu ser profundo e escondido e o teu ser público, que é reconhecido, amado e aceite, mas igualmente criticado pelo mundo. Contudo, começaras a sentir-te gradualmente mais ligado e capacitar-te-ás mais cabalmente de quem verdadeiramente és-um filho de deus. Aí reside a tua verdadeira liberdade.

(“A voz íntima do Amor”, Henri Nouwen)

Honra o pai e a mãe

- Sir 3,3-7.14-17a «Deus quis honrar os pais nos filhos e firmou sobre eles a autoridade da mãe. Quem honra seu pai obtém o perdão dos pecados e acumula um tesouro quem honra sua mãe.
- Sl 127 (128) Quem honra o pai encontrará alegria nos seus filhos e será atendido na sua oração.
- Cl 3,12-21 Quem honra seu pai terá longa vida, e quem lhe obedece será o conforto de sua mãe.
- Mt 2,13-15.19-23 Filho, ampara a velhice do teu pai e não o desgostes durante a sua vida. Se a sua mente enfraquece, sê indulgente para com ele e não o desprezes, tu que estás no vigor da vida, porque a tua caridade para com teu pai nunca será esquecida e converter-se-á em desconto dos teus pecados.»
- (Sir 3, 3-7.14-17a)



vivemos num tempo de ânimos exacerbados contra qualquer tipo de discriminação. Estranhamente, a exclusão baseada na idade continua a ser comumente aceite na nossa sociedade. Por trás desta discriminação encontra-se a ideia de valorização do indivíduo em função da sua utilidade, capacidade produtiva. É uma consequência direta do materialismo que temos vindo, aos poucos, a enraizar, a aceitar sem nos questionarmos. É, também, uma consequência de uma sociedade desenraizada, em que a família alargada tem vindo a perder importância, as nossas tradições, o lugar onde pertencemos, a religião.

Um sacerdote, recentemente, partilhou comigo que um dia lhe perguntaram em que Deus acreditava. Ele respondeu: no Deus dos meus pais. É na família que se desperta o dom de Deus, é no amor maternal que tomamos consciência de que Maria é nossa mãe.

Sem cair na tentação de julgar ninguém, nem tão pouco das circunstâncias que levam à institucionalização de tantos pais e avós, importa que, neste Natal, saibamos refletir sobre este fenómeno da discriminação com um exame rigoroso da nossa consciência e à luz desta leitura. Que saibamos olhar para os nossos entes queridos mais idosos com um sentido de gratidão, como se ali estivesse uma biblioteca viva, uma outra consciência do que somos, porque mora ali a nossa identidade, o nosso património imaterial mais profundo.

Após o falecimento da minha avó comecei a recordar com amargura todas as vezes que perdi a paciência com os excessos de conselhos que insistia em dar, com a repetição das mesmas histórias, com as mesmas perguntas, com as confusões que fazia. Lembro-me de responder mal, levantar a voz, perder a paciência. Mantenho, também, uma má consciência por achar que foi para o lar demasiado cedo, por nunca ter tido a oportunidade de lhe retribuir tudo o que foi para nós, toda a abnegação que a sua vida

representou, por ter tomado conta da geração antecedente e a nossa geração ter falhado neste compromisso que deveria ser intergeracional.

Acredito que a desagregação que encontramos em tantas famílias atuais e o alheamento em relação à Igreja são duas realidades indissociáveis, dois sintomas da mesma doença: o Homem automático, que tudo procura otimizar para que a sua vida funcione como é suposto funcionar, sem perturbações, com a família reduzida ao mínimo e apenas uns encontros, esporádicos, no Natal.

Honrar pai e mãe não é apenas ser bem-sucedido profissionalmente; é, também, manter viva a nossa fé, a nossa cultura, as nossas tradições, que quando se perdem raramente se recuperam. É também nesse lugar que vivem os nossos antepassados, na receita de Natal esquecida da avó, na canção de que já ninguém se lembra, de insistir em acender uma fogueira no átrio da igreja.



Na comum experiência humana, o amor – como se diz – é descendente: não volta à vida que ficou para trás com a mesma força com que se derrama sobre a vida que ainda está à frente. A gratuidade do amor também se vê nisto: os pais sabem desde sempre, os velhos aprendem-no depressa. No entanto, a revelação abre um caminho para uma diversa restituição do amor: é a via do honrar quem nos precedeu. A via do honrar as pessoas que nos precederam começa por isto: honrar os idosos.

Este amor especial que abre o caminho sob a forma de honra – isto é, ternura e respeito ao mesmo tempo – destinado à idade avançada é selado pelo mandamento de Deus. «Honrar pai e mãe» é um compromisso solene, o primeiro da “segunda tábua” dos dez mandamentos. Não se trata apenas do próprio pai e da própria mãe. Trata-se da geração e das gerações que precedem, cuja despedida pode também ser lenta e prolongada, criando um tempo e espaço de convivência duradouro com as outras idades da vida. Por outras palavras, trata-se da velhice da vida.

(Papa Francisco

In Catequese sobre a Velhice 6

«Honra o pai e a mãe»: o amor pela vida vivida,

Praça de São Pedro

Quarta-feira, 20 de abril de 2022)

Partir a toda a pressa para a casa do Senhor

- Nm 6,22-27 «O Senhor te abençoe e te proteja. O Senhor faça brilhar sobre ti a sua face e te seja favorável. O Senhor volte para ti os seus olhos e te conceda a paz.»
- Sl 66 (67)
- Gl 4,4-7 (Nm 6, 24-26)

Lc 2,16-21 «Irmãos: Quando chegou a plenitude dos tempos, Deus enviou o seu Filho, nascido de uma mulher e sujeito à Lei, para resgatar os que estavam sujeitos à Lei e nos tornar seus filhos adotivos. E porque sois filhos, Deus enviou aos nossos corações o Espírito de seu Filho, que clama: “Abbá! Pai!”. Assim, já não és escravo, mas filho. E, se és filho, também és herdeiro, por graça de Deus.»
(Gl 4, 4-7)

«Naquele tempo, os pastores dirigiram-se apressadamente para Belém e encontraram Maria, José e o Menino deitado na manjedoura. Quando O viram, começaram a contar o que lhes tinham anunciado sobre aquele Menino. E todos os que ouviam admiravam-se do que os pastores diziam. Maria conservava todos estes acontecimentos, meditando-os em seu coração. Os pastores regressaram, glorificando e louvando a Deus por tudo o que tinham ouvido e visto, como lhes tinha sido anunciado.»
(Lc 2, 16-20)



Liturgia deste tempo é muito rica e torna difícil escolher um só pedaço para centrarmos a nossa oração. O Salmo, que não cito acima, é, por si só uma ótima oração.

Impressionou-me, acima de tudo, esta pressa, esta urgência de ir ter com o Senhor demonstrada pelos pastores. Já a vimos noutro momento e com outra protagonista (Lc 1, 39)...

E nós, que vivemos sempre cheios de pressa, temos pressa de quê?

A pressa pode ser boa se for dirigida para as necessidades dos outros, mas também pode ser negativa, se nos fizer centrar apenas em nós e só gerar ansiedade. Muitas vezes sinto que o Senhor Se faz presente na nossa vida através de pessoas concretas, mais ou menos próximas. A pressa de ir ter com o Senhor será então pressa para me dispor a ouvir o que Ele tem para me dizer, e também pressa em ir ao encontro dos outros e das suas necessidades.

Maria volta a guardar e meditar tudo no seu coração. Não na cabeça, não fosse a memória traí-la ou os pensamentos atrapalhá-la.

Às vezes, a realidade supera a nossa capacidade de a entender. Imaginemos Maria (e José), a recuperar do nascimento de Jesus, verem chegar uns pastores, verdadeiros desconhecidos, que lhes contam que um anjo lhes anunciou que aquele bebé, o seu filho ali deitado na manjedoura era o Messias, o Salvador do povo de Israel. Estas coisas que, certamente, não conseguia compreender à primeira, Maria guardava no coração. Se pensarmos um pouco, muito terá meditado sobre elas até alcançar o seu significado.

E eu? Nos últimos tempos, o que tenho guardado no meu coração? Pondero-o ou apenas “arquivo”?

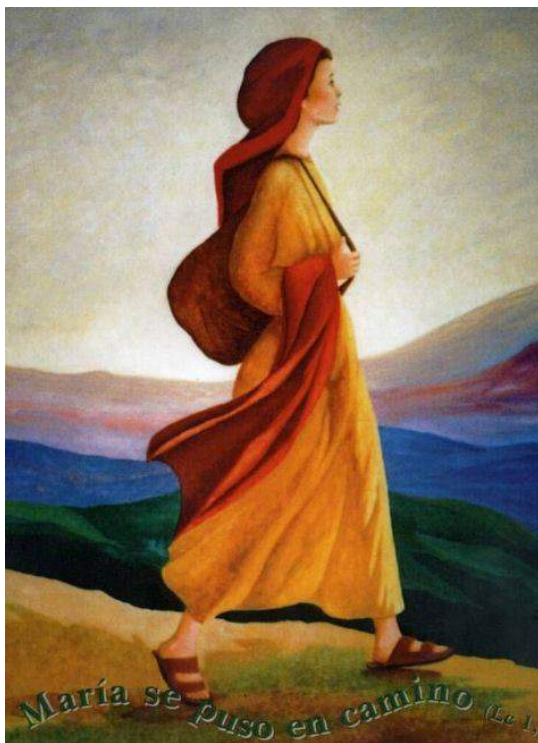
A primeira leitura e o salmo são duas bênçãos lindíssimas. Neste novo ano devíamos rezá-las mais vezes, muitas vezes, por nós e, sobretudo, por aqueles que sabemos mais necessitam. Fica o desafio...

Depois, São Paulo diz-nos que *“já não és escravo, mas filho. E, se és filho, também és herdeiro, por graça de Deus”*. Ser herdeiro é muito mais do que receber os bens que pertenciam aos nossos pais. Porque, felizmente, somos herdeiros desde o dia em que nascemos. Somos herdeiros do seu amor, do seu exemplo, dos seus valores. Às vezes, herdamos um pouco do seu feitio, dos seus interesses e capacidades, para além da cor da pele, dos cabelos ou dos olhos. Se tudo correr bem, acabaremos por herdar a sua sabedoria. Nada disto será somente nosso, mas de todas as gerações seguintes. Ser herdeiro é ser guardião, cuidador, de tudo o que nos foi legado, por graça, ou seja, por vontade única de quem deixa.

O que herdei eu do Senhor? Ou, melhor, o que quis o Senhor deixar-me em herança?

Partamos a toda a pressa para a casa do Senhor. Sentemo-nos a escutar tudo o que nos quiser dizer. Guardemos tudo no coração, e meditemos serenamente.

Feliz Ano Novo!



Não Tenho Pressa

Não tenho pressa. Pressa de quê?

Não têm pressa o sol e a lua: estão certos.

Ter pressa é crer que a gente passa adiante das pernas,

Ou que, dando um pulo, salta por cima da sombra.

Não; não sei ter pressa.

Se estendo o braço, chego exactamente aonde o meu braço chega.

Nem um centímetro mais longe.

Toco só onde toco, não aonde penso.

Só me posso sentar aonde estou.

E isto faz rir como todas as verdades absolutamente verdadeiras,

Mas o que faz rir a valer é que nós pensamos sempre noutra coisa,

E vivemos vadios da nossa realidade.

E estamos sempre fora dela porque estamos aqui.

(Alberto Caeiro, in “Poemas Inconjuntos”)

Os Caminhos de Deus

Is 60,1-6 «Tendo nascido Jesus na cidade de Belém, na

SI 71 (72) Judeia, no tempo de Herodes, eis que alguns magos do Oriente chegaram a Jerusalém, perguntando: “Onde está o rei dos judeus,

Ef 3,2-3a.5-6 que acaba de nascer? Nós vimos a sua estrela no Oriente e viemos adorá-lo.”

Mt 2,1-12 Ao saber disso, o rei Herodes ficou perturbado assim como toda a cidade de Jerusalém. Reunindo todos os sumos

sacerdotes e os mestres da Lei, perguntava-lhes onde o Messias deveria nascer. Eles responderam: “Em Belém, na Judeia, pois assim foi escrito pelo profeta: E tu, Belém, terra de Judá, de modo algum és a menor entre as principais cidades de Judá, porque de ti sairá um chefe que vai ser o pastor de Israel, o meu povo.

Então Herodes chamou em segredo os magos e procurou saber deles cuidadosamente quando a estrela tinha aparecido. Depois os enviou a Belém, dizendo: “Ide e procurai obter informações exatas sobre o menino. E, quando o encontrardes, avisai-me, para que também eu vá adorá-lo.”

Depois que ouviram o rei, eles partiram. E a estrela, que tinham visto no Oriente, ia adiante deles, até parar sobre o lugar onde estava o menino.

Ao verem de novo a estrela, os magos sentiram uma alegria muito grande.

Quando entraram na casa, viram o menino com Maria, sua mãe. Ajoelharam-se diante dele, e o adoraram. Depois abriram seus cofres e ofereceram-lhe presentes: ouro, incenso e mirra.

Avisados em sonho para não voltarem a Herodes, retornaram
44 para a sua terra, seguindo outro caminho.» (Mt 2,1-12)



ste ano, depois da minha peregrinação à Terra Santa, quando leio a Palavra de Deus, experimento novas percepções, alguns sinais nos quais não me tinha detido anteriormente.

Rememorando o lugar onde Jesus nasceu, chamado “Vale dos Pastores”, sinto-me grata ao recordar que os Magos tinham uma estrela que os guiava. ABENÇOADA ESTRELA!!! É inimaginável como teria sido possível chegar àquele lugar sem nada, nem ninguém a orientar o caminho.

Aquilo fica num pedregal seco, difícil de atravessar, cheio de grutas, inóspito, com um calor horrível no verão e, imagino, frio intenso no inverno. O vento levanta uma poeira que nos fica impregnada na pele, na roupa, e, para além de tudo isto, é um local de uma austeridade e pobreza extremas. Os olhos quase se recusam a observar esta paisagem na sua aridez, que dói só de ver, para além de que é absolutamente necessário olhar bem para o solo que estamos a pisar, a fim de evitar escorregar ou tropeçar.

Precisamente até àquele lugar foram uns magos a procura de “alguém” importante, alguém que merecia ser adorado, alguém para quem traziam prendas especiais e valiosas. Os Magos estavam à procura do Rei dos Judeus.

Acho que só mesmo a estrela os fez seguir porque, naquele vale, tudo “apontava” em sentido oposto.

Neste espaço concreto, a minha pergunta surgiu com rapidez, “Porquê?”, “Porquê Deus meu, escolheste este lugar para fazer-Te um de nos?”!

Seria impossível encontrar um lugar mais recôndito, menos apropriado, menos acolhedor...

Mas, tenho de reconhecer que havia neste lugar uma atração que não sei explicar (continuo a rezar e a tentar perceber).

Enquanto descíamos tudo me falava de pequenez, de humildade, de abaixamento, de profundidade, de interioridade e de intimidade.

Entrar por uma porta pequenina, que nos obriga a baixar humildemente a cabeça, caminhar por corredores estreitos, ir mais para o fundo e, mesmo no final, a necessidade ajoelhar, não há outra hipótese... Sim, é preciso prostrarmo-nos para “tocar” esse lugar onde todo um Deus se faz homem, onde, agora sim, há uma estrela que me faz lembrar a estrela dos Magos, indicadora do caminho e do lugar.

Ante toda a configuração geográfica deste local, a dificuldade de nele andar, a chegada dos Magos, realmente, parece-me um milagre apenas possibilitado por uma estrela, por um ponto de luz.

Qual será, hoje, o ponto de luz que nos poderá guiar ao encontro de Jesus, onde menos o procuramos?

Que passos, caminhos labirínticos, grutas onde o chão e o teto quase se tocam, temos de percorrer para lá chegar?

Que silêncio, que profundidade, que intimidade temos de procurar para reconhecer e acreditar que aquela criancinha, no lugar dos animais, é o Emanuel, o Deus connosco?

Mas não é aqui que tudo termina, é, na verdade, onde tudo começa para os Magos e, também, para nós. E, novamente, surge a pergunta: “Porquê?”; Porquê? Por que é que o Messias, o enviado a habitar entre nós, O Salvador, Aquele a quem os profetas anunciaram e por quem o povo esperava ansiosamente, Aquele que um dia vai dizer aos seus *“Ide por todo o mundo e anunciar a Boa notícia”* (Mt 18,19-20) está escondido numa gruta? Parece que tudo

mais não é do que uma brincadeira, uma contradição, uma provocação.

E sinto que Deus me responde “*Os Meus caminhos não são os teus, os Meus projetos não são os teus*” (Is 55,8), e calo-me, e calo-me, e respiro envergonhada. E sinto que tenho de ser eu a dar testemunho da Sua presença, hoje, no nosso mundo atual, e experimento que essa manifestação para todos os povos (que é o que significa “Epifania”), tenho de executá-la eu, começando como começaram os Magos por ir por um outro caminho ... pelo caminho de Deus.



Campo dos pastores em Belém

Minha Mãe, uma estrela!

*Ó mãe, anda ver
No céu a brilhar
Uma linda estrela
Que te vou mostrar
É tal qual aquela
- Repara! Olha bem! –
Que levou pastores
E reis a Belém.*

*Será que ela viu
Nascer o Menino?
E que lá do alto
Lhe guia o caminho?*

*Será que é tão grande
O dom dessa estrela
Que ainda hoje somos
Guiados por ela?...*

*Meu Deus, e parece
Que me está a olhar!...
Talvez tenha vindo
Para me chamar!*

(Alexandre Parafita)

“Chamados para construir a família humana”

Is 42,1-4.6-7 «Diz o Senhor: “Eis o meu servo, a quem Eu protejo, o meu eleito, enlevo da minha alma.

Sl 28 (29) Sobre ele fiz repousar o meu espírito, para que leve a justiça às nações. Não gritará, nem

At 10,34-38 levantará a voz, nem se fará ouvir nas praças; não quebrará a cana fendida, nem apagará a

Mt 3,13-17 torcida que ainda fumeja: proclamará fielmente a justiça. Não desfalecerá nem desistirá, enquanto não estabelecer a justiça

na terra, a doutrina que as ilhas longínquas esperam. Fui Eu, o Senhor, que te chamei segundo a justiça; tomei-te pela mão, formei-te e fiz de ti a aliança do povo e a luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, tirares do cárcere os prisioneiros e da prisão os que habitam nas trevas”»

(Is 42, 1-4. 6-7)



Este é o domingo do Batismo de Jesus. E foi por aqui que comecei a minha oração: o que é isto de ser batizado?

Andava eu nestas voltas do que é, para mim, o batismo, qual a diferença na minha vida, quando se celebrou o dia das vocações, se fez um pouco de luz na minha oração e me voltei para a primeira leitura deste dia: *“Sobre ele fiz repousar o meu espírito, para que leve a justiça às nações (..) fiz de ti a aliança do povo e a luz das nações, para abrires os olhos aos cegos, tirares do cárcere os prisioneiros e da prisão os que habitam nas trevas”*... É a isto que somos chamados, a nossa missão neste mundo: ser luz das nações. Ser luz no mundo. O que é ser luz nos dias de hoje? Onde me levará?

Ao contrário do que muitas vezes pensamos (ou eu penso), não precisamos de ser santos ou imaculados, perfeitos, fazedores de grandes obras, de ter o caminho todo feito sem tropeções, para aderirmos a esta proposta que Deus nos faz. Já olhámos verdadeiramente para Maria e para José? Para os magos e para os pastores? Qual foi a sua maior graça? Para mim, foi confiarem verdadeiramente o seu coração, os seus anseios a Deus e estarem em permanente diálogo com Ele. Abrindo nas suas vidas espaço para que Ele se manifestasse. Para que lhes falasse. Deixando-O manifestar-se e transformar-lhes o coração.

O Senhor convida-nos a deixarmo-nos transformar por Ele: a vivermos como vimos, ao longo destes domingos do Advento, Maria e José viverem: plenamente integrados no mundo, cumprindo as tradições, as regras e as leis daquela época, mas vivendo a sua vida profundamente entranhada na vida de Deus... Arrisco-me até a dizer, vivendo a sua vida a partir de Deus.

E eu? A partir de onde vivo eu a minha vida? A partir da minha vontade ou a partir da Tua, Pai? Nos últimos tempos tenho vivido na pressa. Mas não é aquela pressa “boa” de que nos fala o nosso lema, é a pressa que me faz correr de um lado para o outro, muitas vezes a fazer coisas muito boas, a dar o meu tempo, mas em que vivo tudo a correr, esquecendo-me, às vezes, do sentido com que me comprometi inicialmente, ou com o remorso de quem não está a conseguir rezar o que precisa, ou de quem se sente bombeiro e anda a correr para apagar fogos...

Mas também vejo que, ao longo deste último ano, tenho feito um caminho de maior proximidade com o Senhor; e tenho experimentado que para Ele não é indiferente que eu exista no mundo, ou a resposta que Lhe dou quando me interpela – e que sou uma das Suas filhas muito amadas. Mas sei que Ele, hoje, me desafia a ir mais além: a deixar que a Maria que existe em mim venha mais à superfície.

Todos somos chamados a ser Marias e Josés, todos somos chamados a ser testemunhas do amor, a viver desde Deus e da Sua vontade, dentro do pedaço de mundo onde vivemos. Muitas vezes, quando sinto esta chamada encolho-me e tenho vontade de responder *“ó Senhor, eu sou tão pequena, se Te disser que não, não fará grande diferença”* ... mas a realidade é que, se eu não acolher a minha missão, se eu não der o meu sim, quantos ficarão sem Ti, Pai? Sem Te conhecer?

O dia de hoje, em que escrevo estas pistas, é o dia de Todos os Santos. Ia com o meu marido a caminho da Missa, e ele perguntou-me por que era dia santo e quando Lhe disse “dia de todos os santos” ele respondeu: “Olha, é o meu dia e não sabia!” ... E isto tem ressoado em mim ao longo do dia: aderir à pessoa de Jesus, viver o nosso batismo, é aderir ao caminho da santidade. Mas ao contrário do que por vezes penso quando ouço esta palavra, não somos convidados a ser santos de altar, mas sim a vivermos ligados

a Jesus no nosso dia a dia, fazendo-O presente nas nossas vidas, deixando que Ele marque os nossos dias. No fundo, fazendo-nos mais parecidos a Maria e a José, aos reis magos.... Seremos aquela luz que às vezes é pequenina, às vezes é trémula, que às vezes desvalorizamos... Mas se estivermos às escuras, uma luz pequenina não faz tanta diferença?

Que este seja o ano em que nos pomos verdadeiramente em caminho, munidos do Amor, da Esperança, da Luz que Tu nos dás Pai! Ensina-me, Pai, a ser capaz de viver esta graça da entrega diária, não ter medo do tanto que me entregas e do tanto a que me desafia: a ser luz no meio das nações, cumprindo assim o projeto que tens para mim, para que a Tua salvação chegue até aos confins da terra.



“Chamados para construir a família humana”

Queridos irmãos e irmãs!

Nos dias que correm, enquanto continuam a soprar os ventos gélidos da guerra e da opressão e frequentemente testemunhamos fenómenos de polarização, prosseguimos como Igreja o processo sinodal iniciado: sentimos urgente necessidade de caminhar juntos cultivando as dimensões da escuta, participação e partilha. (...)

A sinodalidade, o caminhar juntos é uma vocação fundamental para a Igreja e, só neste horizonte, é possível descobrir e valorizar as diversas vocações, carismas e ministérios. Ao mesmo tempo, sabemos que a Igreja existe para evangelizar, saindo de si mesma e espalhando a semente do Evangelho na história. (...). Com efeito, «em virtude do Batismo recebido, cada membro do Povo de Deus tornou-se discípulo missionário (cf. Mt 28, 19). Cada um dos batizados, independentemente da própria função na Igreja e do grau de instrução da sua fé, é um sujeito ativo de evangelização». Todos somos chamados a participar na missão de Cristo de reunir a humanidade dispersa e reconciliá-la com Deus. De modo mais geral, cada pessoa humana, antes ainda de viver o encontro com Cristo e abraçar a fé cristã, recebe com o dom da vida um chamamento fundamental: cada um de nós é uma criatura querida e amada por Deus, objeto dum pensamento único e especial d’Ele e somos chamados a desenvolver, ao longo da nossa vida, esta centelha divina que mora no coração de cada homem e mulher, contribuindo para fazer crescer uma humanidade animada pelo amor e mútuo acolhimento. (...)

As seguintes palavras são atribuídas a Miguel Ângelo Buonarroti: «No interior de cada bloco de pedra, há uma estátua, cabendo ao escultor a tarefa de a descobrir». Se tal pode ser o olhar do artista, com muito mais razão assim nos vê Deus: naquela jovem

de Nazaré, viu a Mãe de Deus; no pescador Simão, filho de Jonas, viu Pedro, a rocha sobre a qual podia construir a sua Igreja; no publicano Levi, entreviu o apóstolo e o evangelista Mateus; em Saulo, cruel perseguidor dos cristãos, viu Paulo, o apóstolo dos gentios. O seu olhar de amor sempre nos alcança, toca, liberta e transforma, fazendo com que nos tornemos pessoas novas. Esta é a dinâmica de cada vocação: somos alcançados pelo olhar de Deus, que nos chama. A vocação – como aliás a santidade – não é uma experiência extraordinária reservada a poucos. Tal como existem «os santos ao pé da porta», assim também a vocação é para todos, porque todos são olhados com amor e chamados por Deus.

Diz um provérbio do Extremo Oriente: «Um sábio, ao olhar o ovo, sabe ver a águia; ao olhar a semente, vislumbra uma grande árvore; ao olhar um pecador, sabe entrever um santo». É assim que Deus nos olha: em cada um de nós, vê potencialidades, às vezes ignoradas por nós mesmos, e atua incansavelmente, ao longo da nossa vida, a fim de as podermos colocar ao serviço do bem comum.

(...) O olhar amoroso e criador de Deus alcançou-nos de forma singular em Jesus. Ao falar do jovem rico, o evangelista Marcos observa: «Jesus, fitando nele o olhar, sentiu afeição por ele» (10, 21). O mesmo olhar de Jesus, cheio de amor, pousa sobre cada um de nós. Irmãos e irmãs, deixemo-nos tocar por este olhar e ser levados por Ele para além de nós mesmos! E aprendamos também a olhar de tal modo um para o outro que as pessoas com quem vivemos e as que encontramos – sejam elas quem forem – possam sentir-se acolhidas e descobrir que há Alguém que as olha com amor, convidando-as a desenvolverem todas as suas potencialidades.

A nossa vida muda quando acolhemos este olhar. (...) Como cristãos, não só somos chamados, isto é, interpelados cada qual pessoalmente por uma vocação, mas também con-vocados. Somos

como os ladrilhos dum mosaico, belos já quando vistos um a um, mas só juntos é que formam uma imagem. Brilhamos, cada um e cada uma de nós, como uma estrela no coração de Deus e no firmamento do universo, mas somos chamados a compor constelações que orientem e iluminem o caminho da humanidade, a partir do ambiente onde vivemos. Tal é o mistério da Igreja: na convivência das diferenças, ela é sinal e instrumento daquilo a que toda a humanidade é chamada. Para isso, a Igreja deve tornar-se cada vez mais sinodal: capaz de caminhar unida na harmonia das diversidades, onde todos têm a sua própria contribuição para dar e podem participar ativamente. Portanto, quando falamos de «vocação», não se trata apenas de escolher esta ou aquela forma de vida, votar a própria existência a um determinado ministério ou seguir o encanto do carisma duma família religiosa, dum movimento ou duma comunidade eclesial; mas trata-se sobretudo de realizar o sonho de Deus, o grande desígnio da fraternidade que Jesus tinha no coração quando pediu ao Pai «que todos sejam um só» (Jo 17, 21). Cada vocação na Igreja e, em sentido largo, também na sociedade, concorre para um objetivo comum: fazer ressoar entre os homens e as mulheres aquela harmonia dos múltiplos e variados dons que só o Espírito Santo sabe realizar. Sacerdotes, consagradas e consagrados, fiéis leigos, caminhemos e trabalhemos juntos, para testemunhar que uma grande família humana unida no amor não é uma utopia, mas o projeto para o qual Deus nos criou!

(Mensagem do Papa Francisco
para o 59º Dia Mundial de Oração pelas Vocações
[8 de maio de 2022 - IV Domingo da Páscoa])

parte III

Introdução

O Natal é tempo de partilha, sabemos.

A questão é: o que é que partilhamos?

Na noite e no dia de Natal iremos certamente trocar presentes com familiares e amigos e isso é bom! Pelos presentes, fazemo-nos “presentes” na vida de outros, nós mesmos oferta e dom; quando recebemos um presente de alguém, essa pessoa fica presente na nossa vida, não tanto pelo valor desse presente, mas pelo gesto, pela delicadeza, por ter pensado em nós.

O que não é tão bom é o que permitimos que se faça do Natal (se é que não o fazemos nós...) o que se tem vindo a fazer, diria num crescendo chocante.

Há crianças que recebem dezenas de presentes fúteis, quando outras não têm sequer nada para comer ou para vestir.

Há adultos que se presenteiam mutuamente com prendas caríssimas quando outros dormem na rua ou em casas miseráveis, sem ter um cobertor ou uma refeição quente.

Há famílias que têm ceias sumptuosamente abundantes, com enorme gasto e desperdício, e outras que mal conseguem fazer um jantar um pouco melhorado.

Será isto que Deus quer?...

Será isto que os anjos anunciaram quando proclamaram “*Glória a Deus nas alturas e paz na terra aos homens.*” (Lucas 2, 14)?

Será que neste Natal, marcado pela guerra e pela crise económica, iremos descobrir outros meios de construir a paz e de nos fazermos presentes?

Os textos que trazemos nesta edição do Caderno de Oração falam de partilha, de atenção, de tempo dado, de generosidade, de coração aberto. Falam de experiências de partilha que uns tiveram e que outros poderão vir a ter.

A Mensagem do Papa para o Dia Mundial dos Pobres, celebrado no XXXIII Domingo do Tempo Comum, este ano a 13 de Novembro, - de que apresentamos excertos - tem como lema “*Jesus Cristo fez-Se pobre por vós*” (cf. 2 Cor 8, 9). Julgo que somos chamados a também nos fazermos pobres por Ele e por eles.

Jesus espera que eu seja o melhor presente para os outros, que eu me faça presente na vida de muitos. Como Ele Se fez presente. Para que eles “tenham vida e a tenham em abundância” (Jo 10,10).

Boas festas!

Querida Comunidade, esta é a Partilha



Há cerca de dois anos, lançámos a iniciativa “Partilha”, onde as necessidades e espírito de entreatajuda se encontram: para o enquadramento profissional, para as necessidades de bens essenciais, para as trocas de bens e serviços que uns têm e que outros necessitam. Desde então:

- Mobilizámo-nos para reforçar a colaboração com outras entidades, procurando complementaridades entre o que tínhamos para oferecer e as necessidades das instituições já mais experientes no apoio às necessidades da população nas diversas áreas de crise social.
- Mobilizámos a comunidade em torno dessas iniciativas (ex. entrega de cabazes de bens essenciais, distribuição de refeições como suporte à Junta de Freguesia, etc.) e criámos uma rede para receber bens ao longo da Cidade.

Pelo caminho, acreditamos ter vindo a desenvolver o voluntariado em linha com o Carisma da nossa Verbum Dei. Queremos ser uma comunidade mais atenta e disponível ao nosso “Próximo”. Em suma, abrimos ainda mais as nossas portas à comunidade, às suas necessidades específicas e também ao conforto dos encontros e de palavras amigas e recetivas.

HOJE TU, AMANHÃ EU



É o nome do projeto que faz parte da Partilha e que consiste no apoio com bens essenciais a famílias carenciadas, ou que estão a viver uma situação de fragilidade financeira imprevista e temporária. Este apoio é feito através da entrega de cabazes de alimentos e do encaminhamento e acompanhamento com a Rede de Emergência Alimentar.

Decorridos dois anos, muitas das famílias que tivemos oportunidade de acompanhar já deixaram de necessitar do nosso apoio, tendo conseguido organizar as suas vidas. Temos, também, conseguido direcionar para instituições competentes algumas famílias que ainda necessitam de apoio específico, mas têm surgido famílias novas que precisam da nossa ajuda e a quem gostaríamos de poder acolher. É, pois, muito importante que, como comunidade e família, continuemos a tentar ajudar e a ser um apoio disponível para os que mais precisam

**Se muitos dermos pouco, conseguimos dar muito.
5 pães e 2 peixes alimentam multidões.**

Até hoje já conseguimos ajudar as famílias com 3716 litros de leite, 1858 quilos de arroz, 929 frascos de grão, 1200 embalagens de esparguete, 534 quilos de farinha, 1330 embalagens de cereais e papas de bebé entre outros alimentos...



COMO PODEMOS AJUDAR?

A **Casa da Palavra** continua a ser o centro desta operação, e está sempre aberta para receber o vosso contributo.

Também já temos outros **Pontos de Recolha** onde todos os que quiserem contribuir podem entregar alimentos, os quais, posteriormente, são entregues na Casa da Palavra para integrarem os cabazes.

Donativos em dinheiro através de MBWay, ou transferência bancária – com descrição “CABAZES”.

MBWAY: 919 955522

Transferência: Fraternidade Missionária Verbum Dei –
IBAN PT50 0018 0003 4493 2762 0203 2



Dúvidas? Curiosidade? Quer ajudar? Quer descobrir um ponto de recolha perto de si? Pode encontrar-nos em:

<http://lisboa.verbumdei.org/partilha>

Quais os impactos?

Este foi o lema diário de um dos dias da Missão Brasil 2008. Uma pergunta simples, mas que, por alguma razão, ficou cá por dentro e que, desde então, por vezes reemerge em vários momentos fortes da vida.

Há 14 anos, chegávamos a uma vila do interior do estado de Minas Gerais, no Brasil. Hoje, vivemos numa vila do interior do distrito de Viseu, em Portugal. Entre semelhanças e diferenças das duas experiências, este foi um dos primeiros impactos: a passagem de acolhidos a acolhedores, de visitantes a anfitriões.

Na altura, preparámos com afinco, durante meses, a nossa ida ao Brasil, mas nunca nos colocámos do lado de quem recebe... onde também há não só (muitas) questões logísticas a resolver, mas também uma expectativa do que há de vir; uma espera do que está por chegar, que também tem de ser rezada e trabalhada.

Esse terá sido outro impacto: o da superação das expectativas. Algumas vezes, duvidámos: se “valeria a pena”, se a comunidade local iria aderir, como seria visto este grupo que vem de Lisboa – ou sequer se seria visto... A realidade de quem vinha era tão diferente da realidade das pessoas de cá que se erguiam dúvidas de como tudo iria resultar.

A verdade é que o que se viveu naquela última semana de julho foi, graças a Deus, muito para além do nosso controle. A igreja viva que experimentei fez-me acreditar mais que Jesus segue chamando e marcando pessoas de todas as idades e estados, cada um com sua história pessoal, todos com desejo de dar tempo e espaço para o encontro com Deus.

Impactou-me, numa das tardes, andar pelos corredores da paróquia e senti-la viva! O terço a ser preparado na capela, uma viola a ser afinada numa sala de catequese, um grupo de partilha

nos claustros, um encontro de jovens no auditório... Gravei esses sons na memória – e no telemóvel!

Impactou-me a sensação tão forte de regresso à casa de família (neste caso, vindo a família até nós). Foi uma semana incrível, daquelas de todos os dias levantar cedo e deitar tarde. Conhecemos a comunidade há cerca de vinte anos. Os últimos dois anos foram sem dúvida atípicos, com a pandemia e com a mudança de Lisboa para Oliveira. O estarmos longe da comunidade, evidenciou o dom que ela é para nós e para a nossa família. Foi um privilégio muito grande podermos estar em família com a nossa família nuclear. Os nossos filhos participaram e desfrutaram também muito da presença destes amigos e desta missão. Experimentaram o seu entusiasmo, alegria, oração e partilha de fé.



Deixamos para o fim um impacto que queremos transformar num apelo. O da “má distribuição da riqueza espiritual”. Sentimos que somos família Verbum Dei no geral, comunidade de Lisboa em particular, afortunados em relação à generalidade da Igreja. É um dom rezarmos juntos, toda a formação que recebemos, sabermos rezar com a Palavra... Todo o material que temos preparado, os

cânticos que sabemos cantar, os instrumentos que sabemos tocar, as palestras que sabemos dar, as vigílias que sabemos preparar.

Há efetivamente – e felizmente – uma grande concentração de dons numa “pequena” comunidade. O desafio é o de os partilharmos mais, não só entre nós, como fazemos, mas de forma mais alargada. Sem precisar de vir fazê-lo a Oliveira de Frades (são sempre bem-vindos!)... Participando nos grupos da paróquia da minha casa, oferecendo-me para ajudar em encontros da diocese... estando atentos ao Espírito e confiando que só temos de fazer a nossa parte.

Trazemos, porém, este tesouro em vasos de barro, para que se veja que este extraordinário poder é de Deus e não é nosso.

2 Cor 4, 7

Confia e alegra-te!





Como já todos sabemos, o Papa Francisco pensou em Portugal, mais concretamente em Lisboa, para celebrar com todos os jovens do mundo a “JORNADA MUNDIAL DA JUVENTUDE”.

Um desejo e pedido do Papa ninguém recusa, pelo contrário, sentimo-nos, até, bastante honrados com este privilégio e queremos dar uma resposta alegre, acolhedora e generosa.

E para isso, para podermos concretizar este sonho de Deus, que o Papa acolheu e escolheu viver entre nós, precisamos de corações e braços abertos que nos ajudem a viver o desafio que é este grande acontecimento.

Vamos todos, como Maria e com Maria, *“Levantar-nos e partir apressadamente...”* (Lc 1,39)

Queres ser voluntário na JMJ? Se quiseres aceitar este desafio, podes contactar a Missionária Pilar Bazo: Tel. 932 651 270 e/ou [“pilaralonsobazo@gmail.com”](mailto:pilaralonsobazo@gmail.com).

Já estão abertas as inscrições para ser voluntário e estamos, alegremente, à tua espera!



JMJ LISBOA 2023

Escutai a voz de Jesus, no mais profundo dos vossos corações! As suas palavras dizem-vos quem sois como cristãos. Elas ensinam-vos aquilo que deveis fazer para permanecer no seu amor.

Papa João Paulo II, bênção na JMJ Toronto 2002

**VEM SER VOLUNTÁRIO
NA PARÓQUIA DO
CAMPO GRANDE
NA JMJ LISBOA 2023**

JMJ LISBOA 2023

MENSAGEM DO PAPA FRANCISCO PARA O VI DIA MUNDIAL DOS POBRES (excertos)

XXXIII Domingo do Tempo Comum – 13 de novembro de 2022
“Jesus Cristo fez-Se pobre por vós” (cf. 2 Cor 8, 9)

1. «Jesus Cristo (...) fez-Se pobre por vós» (2 Cor 8, 9). Com estas palavras, o apóstolo Paulo dirige-se aos cristãos de Corinto para fundamentar o seu compromisso de solidariedade para com os irmãos necessitados. O *Dia Mundial dos Pobres* torna este ano como uma sadia provocação para nos ajudar a refletir sobre o nosso estilo de vida e as inúmeras pobrezaas da hora atual.

Há alguns meses, o mundo estava a sair da tempestade da pandemia, mostrando sinais de recuperação económica que se esperava voltasse a trazer alívio a milhões de pessoas empobrecidas pela perda do emprego. Abria-se uma nesga de céu sereno que, sem esquecer a tristeza pela perda dos próprios entes queridos, prometia ser possível tornar finalmente às relações interpessoais diretas, encontrar-se sem embargos nem restrições. Mas eis que uma nova catástrofe assomou ao horizonte, destinada a impor ao mundo um cenário diferente.

A guerra na Ucrânia veio juntar-se às guerras regionais que, nestes anos, têm produzido morte e destruição. Aqui, porém, o quadro apresenta-se mais complexo devido à intervenção direta duma «superpotência», que pretende impor a sua vontade contra o princípio da autodeterminação dos povos. Vemos repetir-se cenas de trágica memória e, mais uma vez, as ameaças recíprocas de alguns poderosos abafam a voz da humanidade que implora paz.

2. Quantos pobres gera a insensatez da guerra! Para onde quer que voltemos o olhar, constata-se como os mais atingidos pela violência sejam as pessoas indefesas e frágeis. (...)

3. Neste contexto tão desfavorável, situa-se o *VI Dia Mundial dos Pobres*, com o convite – tomado do apóstolo Paulo – a manter o olhar fixo em Jesus, que, «*sendo rico, Se fez pobre por vós, para vos enriquecer com a sua pobreza*» (2 Cor 8, 9). (...)

Os cristãos de Corinto mostraram-se muito sensíveis e disponíveis. Por indicação de Paulo, em cada primeiro dia da semana recolhiam quanto haviam conseguido poupar e todos foram muito generosos.

Como se o tempo tivesse parado naquele momento, também nós, cada domingo, durante a celebração da Santa Missa, cumprimos o mesmo gesto, colocando em comum as nossas ofertas para que a comunidade possa prover às necessidades dos mais pobres.

É um sinal que os cristãos sempre cumpriram com alegria e sentido de responsabilidade, para que a nenhum irmão e irmã faltasse o necessário. (...)

4. (...) Neste momento, penso na disponibilidade que, nos últimos anos, moveu populações inteiras para abrir as portas a fim de acolher milhões de refugiados das guerras no Médio Oriente, na África Central e, agora, na Ucrânia. As famílias abriram as suas casas para deixar entrar outras famílias, e as comunidades acolheram generosamente muitas mulheres e crianças para lhes proporcionar a devida dignidade. Mas quanto mais se alonga o conflito, tanto mais se agravam as suas consequências. (...)

5. Com efeito, a solidariedade é precisamente partilhar o pouco que temos com quantos nada têm, para que ninguém sofra. Quanto mais cresce o sentido de comunidade e comunhão como estilo de vida, tanto mais se desenvolve a solidariedade. Aliás, deve-se considerar que há países onde, nas últimas décadas, se verificou um significativo crescimento do bem-estar de muitas famílias, que alcançaram um estado de vida seguro. (...)

6. (...) [Paulo] convida a realizar a coleta, para que seja sinal do amor testemunhado pelo próprio Jesus. Enfim, a generosidade para com os pobres encontra a sua motivação mais forte na opção do Filho de Deus que quis fazer-Se pobre. (...)



7. No caso dos pobres, não servem retóricas, mas arregaçar as mangas e pôr em prática a fé através dum envolvimento direto, que não pode ser delegado a ninguém. Às vezes, porém, pode sobrevir uma forma de relaxamento que leva a assumir comportamentos incoerentes, como no caso da indiferença em relação aos pobres.

Além disso acontece que alguns cristãos, devido a um apego excessivo ao dinheiro, fiquem empantanados num mau uso dos bens e do património. São situações que manifestam uma fé frágil e uma esperança fraca e míope.

Sabemos que o problema não está no dinheiro em si, pois faz parte da vida diária das pessoas e das relações sociais. Devemos refletir, sim, sobre o valor que o dinheiro tem para nós: não pode tornar-se um absoluto, como se fosse o objetivo principal. Um tal apego impede de ver, com realismo, a vida de todos os dias e ofusca o olhar, impedindo de reconhecer as necessidades dos outros.

8. (...) A experiência de fragilidade e limitação, que vivemos nestes últimos anos e, agora, a tragédia duma guerra com repercussões globais, devem ensinar-nos decididamente uma coisa: não estamos no mundo para sobreviver, mas para que, a todos, seja consentida uma vida digna e feliz. A mensagem de Jesus mostra-nos o caminho e faz-nos descobrir a existência duma pobreza que humilha e mata, e há outra pobreza – a d’Ele – que liberta e nos dá serenidade.

A pobreza que mata é a miséria, filha da injustiça, da exploração, da violência e da iníqua distribuição dos recursos. É a pobreza desesperada, sem futuro, porque é imposta pela cultura do descarte que não oferece perspectivas nem vias de saída. (...)



Ao contrário, pobreza libertadora é aquela que se nos apresenta como uma opção responsável para alijar da estiva quanto há de supérfluo e apostar no essencial. (...)

Encontrar os pobres permite acabar com tantas ansiedades e medos inconsistentes, para atracar àquilo que verdadeiramente importa na vida e que ninguém nos pode roubar: o amor verdadeiro e gratuito. Na realidade, os pobres, antes de ser objeto da nossa esmola, são sujeitos que ajudam a libertar-nos das armadilhas da inquietação e da superficialidade. (...)



9. O texto do Apóstolo a que se refere este *VI Dia Mundial dos Pobres* apresenta o grande paradoxo da vida de fé: a pobreza de Cristo torna-nos ricos. Se Paulo pôde comunicar este ensinamento – e a Igreja difundir-lo e testemunhá-lo ao longo dos séculos – é porque Deus, em seu Filho Jesus, escolheu e seguiu esta estrada.

Se Ele Se fez pobre por nós, então a nossa própria vida ilumina-se e transforma-se, adquirindo um valor que o mundo não conhece nem pode dar. A riqueza de Jesus é o seu amor, que não se fecha a ninguém mas vai ao encontro de todos, sobretudo de quantos estão marginalizados e desprovidos do necessário. (...)

10. (...) Oxalá este *VI Dia Mundial dos Pobres* se torne uma oportunidade de graça, para fazermos um exame de consciência pessoal e comunitário, interrogando-nos se a pobreza de Jesus Cristo é a nossa fiel companheira de vida.

*Roma, São João de Latrão, na Memória de Santo António,
13 de junho de 2022*

Família Missionária Verbum Dei

Uma Família

A Família Missionária Verbum Dei (FaMVD), como o seu próprio nome indica, é primeiramente uma "Família" profundamente missionária e ao serviço da Palavra de Deus, formada por homens e mulheres de todas as culturas, línguas, nações e estados de vida. Os membros desta Família, movidos pela mesma missão e espiritualidade Verbum Dei, procuram seguir Cristo e transmitir a vida e o amor de Deus a todos os povos.

Três Ramos

No coração da Família Verbum Dei está a Fraternidade Missionária Verbum Dei (FMVD), uma Instituição de Vida Consagrada da Igreja Católica formada por pessoas que consagram a sua vida a Deus. Dela fazem parte:

_Dois Ramos celibatários (que professam os votos de pobreza, castidade e obediência) - Missionárias e Missionários consagrados.

_Casais Missionários - que se consagram a Deus através do sacramento do Matrimónio e de um compromisso solene que os vincula.

Fundada a 17 de Janeiro de 1963, em Maiorca (Espanha), pelo Rvdo. D. Jaime Bonet, a FMVD tem como Missão o anúncio da Palavra de Deus e a propagação do Seu Reino através:

- _da oração;
- _do ministério da Palavra;
- _do testemunho de vida evangélica.

Consulte as atividades da Família Missionária Verbum Dei de Lisboa em lisboa.verbumdei.org/calendario

Centro de Evangelização Vale de Lobos
Rua Profª Rosa Génio Alves nº 7, 2715-395 Almargem do
Bispo
GPS N 38° 49' 15''; W 9° 17' 25''
Tel. Vale de Lobos - 21 962 42 84

Casa da Palavra
Largo João Vaz nº 15, 1700-151 Lisboa
Tel. 218 450 08 1

Fraternidade Missionária Verbum Dei
lisboa.verbumdei.org | contacto@lisboa.verbumdei.org | Tel. Lisboa
- 21 795 0957

cadernodeoracaovd@gmail.com

